

UM BREVE PERCURSO SOBRE A NOÇÃO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA EM FOUCAULT, PÊCHEUX E COURTINE

Vanessa Aparecida Deon ¹

RESUMO

Este estudo visa investigar as transformações da noção Formação Discursiva (FD) por se tratar de um conceito fundamental para o desenvolvimento dos estudos em Análise de Discurso (AD). Desse modo, buscamos verificar como foi construída a concepção de FD, a partir das reflexões de Michel Foucault, Michel Pêcheux e Jean Jaques Courtine, visto que esses autores contribuíram para o processo de construção desse conceito, apontando o papel da história e da subjetividade no âmbito da linguagem. Eles romperam com os pressupostos formalistas e positivistas adotados até o final da década de 60 nas Ciências Humanas. Assim, a partir de suas pesquisas ocorreram transformações no âmbito dos estudos discursivos, que passaram a trabalhar simultaneamente a língua, a ideologia, o sujeito e a história, tendo o discurso como lugar de observação dessa relação.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Formação Discursiva, Formação Ideológica.

Considerações iniciais

A Análise de Discurso (AD) é uma disciplina que teve origem na França no final da década de 60, seu principal articulador foi Michel Pêcheux. A AD surgiu visando suprir algumas lacunas deixadas pela linguística estruturalista que tinha como objeto de estudo a língua e suas relações internas, o que resultava num corte metodológico, visto que não considerava a exterioridade linguística.

De acordo com Maldidier (2011), no final dos anos 60 na França, a conjuntura teórico-política começou a tratar do estruturalismo filosófico, da questão da ideologia e da leitura dos discursos. O estruturalismo filosófico colocava-se contra essas diversas formas de evidência empírica de leituras vigentes na época. Assim, devido ao enfraquecimento da linguística estrutural e também devido às transformações no campo sociopolítico na França, surge a AD.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2015) – UNICENTRO. Guarapuava (PR). Contato: vanessadeon@yahoo.com.br

É nesse cenário que emergem as inquietudes e teorias pecheutianas. A partir disso, Pêcheux estrutura criticamente o campo do discurso, articulando três áreas do saber: o materialismo histórico², a linguística e a psicanálise. O materialismo histórico concebido como a teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendendo a teoria das ideologias, a linguística como a teoria da enunciação e dos processos sintáticos, e a psicanálise trazendo o deslocamento da noção de homem para sujeito.

A partir desse breve panorama, verificamos que o arcabouço teórico da AD é pautado por uma materialidade histórica, social, linguística e ideológica, ou seja, ela funciona a partir de um conjunto, constituindo um novo objeto de estudo que é o Discurso. O Discurso, por sua vez é híbrido, isto quer dizer que estará sempre sujeito à repetição, à reformulação e à transformação, ou seja, estará sucessivamente na ordem do “vir a ser.” E, dentre os elementos da AD que podem explicar a constituição do processo discursivo, está a noção de Formação Discursiva (FD).

Desse modo, sendo a FD um elemento primordial para o desenvolvimento dos estudos discursivos, visto que este conceito está diretamente relacionado à constituição do sujeito e aos aspectos linguísticos e sócio-históricos, Pêcheux se apropria da noção de FD proposta por Foucault e a reformula e, da mesma forma, Courtine reconfigura o conceito de FD buscando preencher algumas lacunas deixadas por Pêcheux.

Assim, neste trabalho, buscamos observar as transformações da noção de FD de acordo com as reflexões de Michel Foucault; em seguida, Michel Pêcheux e, por fim, Jean Jaques Courtine.

A noção de Formação Discursiva em Foucault

Considerado o precursor da noção de Formação Discursiva (FD), o filósofo Michel Foucault teve um papel fundamental para os estudos discursivos pois, além de romper com os pressupostos positivistas, propôs estudar os sistemas de dispersão do discurso. Na obra *Arqueologia do Saber* (2008)³, Foucault inscreve saberes dos campos epistemológicos da história e da linguística, busca também entender quais são as regras

² Pertence ao consenso geral dos estudiosos do marxismo a tese de que a *ideologia alemã* assinalou o nascimento do Materialismo Histórico, teoria e metodologia da ciência social associada aos nomes de Marx e Engels. (MARX; ENGELS, 2001, p. 7)

³ *Arqueologia do Saber* (2008) é uma tradução do livro *L'archéologie du savoir*, publicado em Paris (1969) e traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves.

de formação dos discursos, a que condições estão submetidos os elementos de repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos e escolhas temáticas).

Nessa obra, Foucault trabalha a repartição dos saberes da medicina, da gramática e da economia, examinando como se formam as unidades discursivas (UDs), segundo quais leis elas se formam, sobre quais acontecimentos discursivos elas se recortam, buscando verificar quais enunciados e saberes pertencem a essas áreas do conhecimento. Para melhor compreendermos, o autor assim define o *saber*:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. (FOUCAULT, 2008, p. 204).

Ainda nessa obra, o autor reflete sobre as bases disciplinares da linguística e da história, tratando a dispersão da história e questionando os estudos pautados apenas na base linguística⁴, visto que as regras da língua são condição necessária, mas não são suficientes para dar conta do acontecimento discursivo. Nesse sentido, Foucault avança, vai além de uma visão positivista, pois considera o discurso e suas relações com a exterioridade.

Além disso, ao tratar das formas de dispersão da história, Foucault observa que os discursos não devem ser tomados na sucessividade cronológica dos fatos, mas de modo não linear ao longo da história. Para o autor, é preciso deixar de lado as sucessividades ininterruptas dos discursos e estar atento a qualquer começo aparente, uma vez que “todos os começos jamais poderiam deixar de ser recomeço.” (FOUCAULT, 2008, p.28). Desse

4 No início do século XX, Saussure estabeleceu a Linguística como uma ciência autônoma. Para isso, definiu como objeto de estudo da Linguística a língua (*langue*), e estabeleceu a dicotomia entre a língua (*langue*) e a fala (*parole*). Sendo assim, resultou num corte metodológico que determinou como objeto da Linguística a língua e suas relações internas, deixando de lado a exterioridade (a fala, o discurso, a história, o sujeito e a ideologia).

modo, todo começo tem uma origem tão secreta a qual é praticamente impossível termos perceptibilidade.

Segundo o autor, considerar que o discurso tem uma origem remota invalida a interpretação, dado que “[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um *já-dito*; e que este *já-dito* não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘*jamais-dito*’.” (FOUCAULT, 2008, p. 28). Para o autor, portanto, o discurso é visto como um todo, e esse todo é constituído de remissões a outros discursos, ou seja, estão atrelados a discursos *já-ditos*, que estão *sendo-ditos* e também sobre os *jamais-ditos*.

Para Foucault, o discurso estará sempre sujeito a heterogeneidade, o autor vê o discurso como um jogo de remissões a outros discursos e esse sistema de remissões é comparado metaforicamente a “um nó em uma rede” (FOUCAULT, 2008, p.26).

Foucault inicia seu estudo arqueológico tratando da noção de unidade discursiva (UD), visto que uma UD pode comportar os seguintes elementos: temas, objetos, saberes compreendidos pelos discursos e também as contradições apresentadas pelos saberes. Ainda, segundo o autor, no interior de uma UD podemos encontrar diferentes FDs.

Dessa forma, não há um único princípio que defina uma UD, pois uma UD é constituída por um todo complexo que se rege pelo princípio da dispersão e heterogeneidade, podendo somente ser compreendida e construída a partir de operações interpretativas.

Para melhor explicar a constituição das FDs, Foucault trata da formação dos objetos e da descrição dos enunciados. Segundo o autor, os objetos são compostos por diferentes FDs que consistem em diferentes repartições de saberes. Ainda, nessas repartições encontram-se os enunciados, dado que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo.” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Desse modo, podemos dizer que uma FD pode ser entendida como o conjunto de saberes que definem o objeto e, esse mesmo objeto pode perfilar de diferentes modos, no tempo, no espaço e na história. Tomamos, como exemplo, a doença mental trabalhada no texto de Foucault (2008):

O objeto que é colocado, como seu correlato, pelos enunciados médicos dos séculos XVII ou XVIII, não é idêntico ao objeto que se delinea

através das sentenças jurídicas ou das medidas policiais; da mesma forma, todos os objetos do discurso psicopatológico foram modificados desde Pinel ou Esquirol até Bleuer: não se trata das mesmas doenças, não se trata dos mesmos loucos. (FOUCAULT, 2008, p. 36)

Diante do exposto pelo autor, o objeto “loucura” recortado em um dado período se diferencia nas práticas religiosa, jurídica e médica. Além disso, o objeto ali colocado também é distribuído, repartido e caracterizado de maneira totalmente diferente em determinados momentos históricos, o que caracteriza a dispersão dos objetos. A partir disso, podemos entender que, quando definimos um conjunto de enunciados, descrevemos a dispersão dos objetos e é essa relação provisória, não estável dos enunciados, que caracteriza uma FD.

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT, 2008, p. 83).

De acordo com Foucault, a noção de FD está atrelada ao acontecimento, pois os enunciados significam a partir de uma instância de emergência e na contingência em que aparecem, ou seja, os discursos significam na singularidade dos fatos. Desse modo, para o autor, os acontecimentos considerados supostamente dispersos, na verdade, podem ter em comum os mesmos objetos, mas em diferentes contingências.

É com base nesta ótica, portanto, que para Foucault, os enunciados devem ser analisados levando em conta outros fatos do discurso com que eles mantêm relações, bem como devem ser analisados considerando as situações que o provocam.

Além disso, o autor destaca que o enunciado não está centrado na intencionalidade do enunciadador e nem pode ser visto como algo acabado, ele está sempre sujeito à repetição, a reformulação e a transformação, “é sempre um acontecimento que nem a língua e nem o sentido podem esgotar inteiramente.” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Na visão de Foucault, toda FD é lacunar, sendo possível incluir ou excluir um certo número de enunciados e de objetos, o que indica que toda FD está aberta para novas possibilidades no interior de um discurso, nas palavras do autor:

Uma formação discursiva não ocupa todo volume possível que lhe abrem direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação suas escolhas estratégicas. Daí o fato de que, uma vez retomada, situada e interpretada em uma nova constelação, uma dada formação discursiva pode fazer aparecerem possibilidades novas [...]”. (FOUCAULT, 2008, p. 74).

Outro ponto destacado por Foucault, é que toda FD tem uma regularidade e são as regras de formação que determinam as condições de repetição, reformulação, transformação e até mesmo do desaparecimento de uma repartição discursiva. Desse modo, observamos que para o autor, uma FD rege-se por regularidades e dispersão. Foucault descreve uma FD da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, “ideologia”, ou “teoria, ou “domínio de objetividade.” Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Conforme podemos observar, acima, Foucault considera a “ideologia” como um termo demasiado, carregado e inadequado para tratar da dispersão. Assim, verificamos que o autor nessa obra não trata da “ideologia”, mas de “saberes”. Para ele, as FDs podem ser entendidas como uma repartição de saberes de ordem heterogênea, e nessas repartições encontram-se os enunciados que formam os objetos, e esses objetos podem perfilar de diferentes modos na história, levando em conta as contingências em que ocorrem.

É a partir da noção de FD proposta por Foucault que Pêcheux constrói seu próprio conceito de FD, como vemos a seguir.

A noção de Formação Discursiva em Pêcheux

Na década de 60, Pêcheux começa a analisar como os estudos científicos eram produzidos, levando em conta como as Ciências Sociais e a Psicanálise se relacionavam com a Linguística. Na primeira obra de Pêcheux, intitulada *Análise automática do discurso* (1969), o autor apresenta os primeiros esboços sobre o discurso, buscando articular a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Esse empreendimento ganhou a forma de uma “máquina discursiva.”⁵ Em seguida, Pêcheux fez uma revisão dessa primeira obra, refletindo sobre os elementos nela trabalhados e escreve uma nova obra, *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975/1988).⁶

Assim, em suas obras, Pêcheux buscou articular a teoria do discurso e a teoria das ideologias no quadro do Materialismo Histórico; o autor trata do objeto discursivo atrelado aos fundamentos Marxistas Leninistas.⁷ Para isso, ele faz uma releitura referente à noção de ideologia advinda da teoria althusseriana e busca refletir sobre questões referentes à interpelação ideológica do sujeito e a luta de classes.

A partir disso, Pêcheux aborda em seus estudos, a ideologia no seu caráter material, trata da noção de sujeito considerando que os sujeitos falam de diferentes lugares sociais. Ainda, o autor leva em conta as condições de produção das FDs considerando os processos sócio-históricos atrelados à produção dos discursos.

Segundo o autor, os processos discursivos são desenvolvidos a partir da base linguística, relacionados à ideologia, ou seja, o autor toma o discurso como algo atravessado pela ideologia. Também, ao tratar do objeto discursivo, Pêcheux buscou não confundir o discurso com a língua e nem a língua com a ideologia.

É impossível identificar ideologia e discurso (o que seria uma concepção idealista da ideologia como esfera das ideias dos discursos), mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias

⁵ A máquina discursiva visava processar a descrição dos discursos, de forma não subjetiva, portanto, baseada em procedimentos automáticos e informáticos. Nessa obra, Pêcheux apresenta apenas um esboço de teoria pela qual pretendeu contemplar os efeitos que os fatores extralinguísticos exerceriam no discurso.

⁶ Estamos trabalhando com a 3. edição (1997) da obra de Pêcheux *Semântica e discurso: uma crítica afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et. al.]. Título original da obra *Verités de La Palice* (1975).

⁷ Pêcheux buscou inspiração nas obras de Marx e de Althusser, a partir desses escritos Pêcheux construiu uma teoria discursiva pautada no materialismo dialético e no materialismo histórico.

formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166)

Como vimos na citação acima, Pêcheux propõe uma teoria materialista do discurso, pois o discurso além de ser um aspecto material da ideologia é um componente das Formações ideológicas (FIDs)⁸ que comportam uma ou várias FDs. Assim, podemos dizer que a ideologia materializa-se nas FDs.

No texto de Pêcheux em coautoria com Catherine Fuchs⁹, os autores retomam a noção de FD inicialmente proposta por Foucault vão estabelecendo relações entre FD com as noções de (sujeito, ideologia e condições de produção).

Ao tratar da noção FD, Pêcheux também buscava suprir algumas lacunas da tese althusseriana¹⁰, entre elas em relação à ideologia e à interpelação do sujeito. Segundo Althusser (1999)¹¹, a “ideologia interpela os indivíduos em sujeito”, na visão do autor, nesse caso o sujeito é visto como um sujeito ideológico que é conduzido sem se dar conta, acreditando que está exercendo sua própria vontade ocupando o seu lugar em determinado lugar social na luta de classes.

Na visão de Pêcheux & Fuchs (1993, p.167), essa lei que constitui a ideologia proposta por Althusser não se realiza em geral, mas sempre a partir das formações ideológicas (FIDs) que representam cada fase histórica na luta de classes, caracterizada pelas relações desiguais de *produção/reprodução* e *transformação*. Segundo o autor, é na realização das relações ideológicas que irrompem as FDs.

Além disso, segundo Pêcheux, uma FD existe historicamente no interior de determinadas relações de classes; o autor destaca que Althusser ao tratar dos Aparelhos

⁸ Caracterizam-se por: “um conjunto complexo de atitudes de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’ mas que se relacionam mais ou menos indiretamente a posições de classes em conflitos umas com a outras.” (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p. 166).

⁹ Esse texto refere-se ao capítulo IV do livro *Por uma análise automática do discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux* (GADET; HAK, 1993). Título do capítulo: *A propósito da análise automática do discurso: Atualização e perspectivas* de autoria de Michel Pêcheux e Catherine Fuchs (1975).

¹⁰ Não podemos deixar de observar a importância dos estudos althusserianos para Análise de Discurso, visto que Pêcheux recorre à concepção materialista da história, reelaborada por Althusser, para mostrar que a ideologia produz efeitos de sentidos nos enunciados.

¹¹ ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução* (1999).

Ideológicos de Estado¹² abordou as posições de classes (luta de classes) pensando somente a *produção* e *reprodução* das relações de produção, ou seja, não tratou das *transformações*. Segundo Pêcheux:

[...] os aparelhos ideológicos de Estado não são, apesar disso, puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: ‘[...] este estabelecimento [dos aparelhos ideológicos de Estado] não se dá por si só, é, ao contrário, o palco de uma dura e ininterrupta luta de classes [...]’, o que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da *transformação das relações de produção* (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). De onde, a expressão ‘reprodução/transformação’ que empregamos. (PÊCHEUX, 1997, p. 145).

Desse modo, Pêcheux retoma as relações de produção e preenche essa lacuna deixada por Althusser, passando a tratar também das *transformações* das relações de produção no que diz respeito à contradição, desigualdade e subordinação.

Na visão de Pêcheux “[...] seria absurdo pensar que, numa conjuntura dada, todos os aparelhos ideológicos de Estado contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para sua transformação.” (PÊCHEUX, 1997, p.145).

Isso indica na visão de Pêcheux, que Althusser não conseguiu refletir sobre as relações contraditórias no interior dos Aparelhos Ideológicos, uma vez que, para Pêcheux, num determinado momento na história as relações de classes confrontam-se no interior dos mesmos Aparelhos, constituindo relações de antagonismo, aliança, dominação e também de contradição. Assim, Pêcheux passa a tratar da noção de FD, em seu estatuto dialético.

Além disso, de acordo com Pêcheux, as FIDs podem comportar uma ou mais FDs, é isso que permite o funcionamento da contradição no interior de uma FID, ou seja, as FIDs podem comportar FDs que congregam diferentes saberes. O autor cita como exemplo a formação ideológica religiosa do período feudal:

[...] ela realiza “a interpelação dos indivíduos em sujeitos” através do Aparelho Ideológico do Estado religioso “especializado” nas relações de Deus, na forma específica das cerimônias (ofícios, batismos, casamentos e enterros etc...) que, sob a figura da religião, intervêm, em

¹² As Instituições que compõem os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser: Igrejas, família, Justiça, Escolas, Política, Sindicatos, meios de comunicação, entre outros.

realidade, nas relações jurídicas e na produção econômica, portanto no próprio interior das relações de produção feudais. Na realização dessas relações ideológicas de classes, diversas *formações discursivas* intervêm enquanto componentes combinadas cada vez em formas específicas; por exemplo, e enquanto hipótese histórica a ser verificada: de um lado a *pregação camponesa* reproduzida pelo “*Baixo- Clero*” no interior do campesinato, de outro o *sermão do Alto-Clero para os Grandes da nobreza*. (PÊCHEUX, 1993, p.167).

Na citação acima, o autor ilustra uma FID que comporta FDs com interesses distintos, ou seja, são valores diferentes que se inscrevem no mesmo tema. Além disso, essa citação exhibe que as FDs existem historicamente dentro da relação de classes, e que essas FDs podem relacionar-se com outras FDs constituindo novas FIDs.

Segundo Pêcheux, no discurso as FIDs são representadas pelas FDs entendidas como “aquilo que pode/não pode e deve/não deve ser dito” pelo sujeito em relação à posição que ele ocupa numa dada formação social. Logo:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p.160)

Além disso, nesse percurso da constituição da noção de FD, Pêcheux (1997) trata da noção de sujeito. Segundo o autor, o lugar do sujeito é ocupado por aquilo que ele denomina forma-sujeito ou sujeito do saber de determinada FD. Isso quer dizer que o sujeito que interpreta um texto é um sujeito que toma uma posição, trata-se de um sujeito carregado de marcas sócio-histórico-ideológicas.

Desse modo, “Os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos do seu discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1997, p. 214).

De acordo com o autor, esse sujeito é afetado por dois esquecimentos: o esquecimento número um, de ordem ideológica, pelo qual o sujeito tem a ilusão de que aquilo que diz é novo, quando, na verdade, apenas repete o que já foi dito por outro sujeito em um dado momento e outro, o esquecimento número dois, da ordem da enunciação, pelo qual o sujeito acredita que aquela é a única maneira de ser dito e não existe outra.

Em relação à posição-sujeito, Pêcheux diz que no interior de uma FD podemos encontrar posições-sujeito que variam de acordo com as FDs e FIDs em que os sujeitos se inscrevem, e as posições-sujeito podem ser distintas no interior de uma mesma FD. Desse modo, o sujeito da AD é um sujeito afetado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, e que produz seu discurso a partir da relação com o outro e dos lugares que ocupa em determinada formação social.

Segundo Pêcheux (1997, p. 163), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a Formação Discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Dessa forma, os modos de subjetivação do sujeito ocorrem através da Forma-sujeito. Segundo o autor, o sujeito se reconhece pela Forma-sujeito assumindo posições-sujeito, e essas posições-sujeito dividem-se em três modalidades: 1) identificação; 2) contra-identificação e 3) desidentificação.

De acordo com Pêcheux, na primeira modalidade, ocorre uma identificação plena do sujeito com os saberes de uma determinada FD. Desse modo, via interpelação o sujeito se reconhece pela forma-sujeito, identificando-se plenamente com os saberes de determinada FD, e essa identificação é entendida como uma captura plena do sujeito. Nas palavras do autor:

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza o seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do “*bom sujeito*” que reflete espontaneamente o sujeito. (PÊCHEUX, 1997, 215).

Por outro lado, diferentemente da primeira modalidade, na segunda modalidade ocorre um processo de contraidentificação do sujeito com os saberes de determinada FD. Nesse sentido, “caracteriza o discurso do “*mau-sujeito*”, discurso no qual o “*sujeito da enunciação*” “se volta” contra o “*sujeito universal*” (PÊCHEUX, 1997, p. 215). Assim sendo, o sujeito passa a assumir posições de dúvida, de questionamento, contestação e até mesmo de revolta. Segundo Zandwais:

[...] como a captura não é tão plena, ele ‘desconfia’ da eficácia dos saberes do Sujeito universal, embora não os desacredite, e passa a intervir no processo de reformulação dos saberes que o representam, passando a representar-se sob a modalidade de uma posição

contraditória no interior da Forma-sujeito que o circunscreve. (ZANDWAIS, 2005, p. 146).

Além dessas duas modalidades apresentadas, há uma terceira modalidade apontada por Pêcheux, chamada de desidentificação. Nessa modalidade o sujeito se desidentifica com os saberes de uma determinada FD. “Na realidade o funcionamento dessa ‘terceira modalidade’ constitui um trabalho (transformação-deslocamento) da Forma-sujeito e não sua pura e simples anulação” (PÊCHEUX, 1997, p.217). Portanto, o sujeito, ao desidentificar-se de uma FD e sua Forma-sujeito, migra para outra FD e sua respectiva Forma-sujeito.

Desse modo, o sentido não existe por si mesmo, uma vez que as palavras mudam de sentido conforme a posição ocupada pelos sujeitos que as empregam, isto é, em relação às FIDs nas quais se inscrevem. Nas palavras do autor:

As palavras, expressões e proposições, etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais as posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Portanto, para Pêcheux (1997, p. 161), uma palavra não tem um sentido *a priori*, ela se forma em cada FD, nas relações que mantêm com outras palavras da mesma FD. Desse modo, as mesmas palavras podem mudar de sentido ao passar de uma FD para outra FD. Além disso, as palavras, as expressões e as proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma FD dada, “ter o mesmo sentido.”

Ainda, segundo o autor, a noção de FD está relacionada à noção de paráfrase, visto que o sentido de uma sequência só existe na medida em que pertence a uma ou outra FD. E no interior de uma FD existe uma matriz de sentidos que compreendem uma ou mais sequências discursivas.

Outro aspecto abordado por Pêcheux é a relação entre FD e interdiscurso. Para o autor, toda FD se constitui e se mantém por meio de sua relação com o interdiscurso que, através da memória discursiva, retoma (o que já foi dito) em um outro momento. Segundo Pêcheux, “toda formação discursiva dissimula pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao todo complexo com dominante das Formações

discursivas,¹³ intrincado no complexo de Formações ideológicas”. (PÊCHEUX, 1997, p.162).

Para Pêcheux, em relação interdiscurso e intradiscurso, os sentidos no interior de uma FD estão sob dependência do interdiscurso ou memória discursiva que retornam no fio do discurso produzindo novos efeitos de sentido. “Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre o sentido e a sua formulação.” (ORLANDI, 2003, p. 32).

A partir do que explicitamos nesse breve percurso sobre a noção de FD, observamos que Pêcheux se apropria da noção de FD proposta por Foucault e a reconfigura, e nesse processo Pêcheux relaciona a noção de FD diretamente com a de FIDs, ele identifica a FD como uma forma material da ideologia.

Dessa forma, parece-nos que Pêcheux esteve à frente de seu tempo; ao pensar a relação entre o linguístico e o ideológico, ele conseguiu mobilizar alguns aspectos que não teriam sido bem explorados na teoria althusseriana, especialmente em relação à interpelação do sujeito e nos modos de *produção/ reprodução e transformações* das relações de produção.

Da mesma forma que Pêcheux se apropriou do conceito de FD proposto por Foucault, Courtine o reconfigura buscando abordar alguns aspectos pouco explicitados na teoria pecheutiana, como observamos a seguir.

A noção de Formação discursiva em Courtine

Jean Jaques Courtine faz uma interlocução entre as obras de Pêcheux e de Foucault. Para Courtine (1981), Foucault conseguiu estabelecer relações entre FD, condições históricas e discursivas que constituem os sistemas de saberes, tratando a FD como sistema de regularidades e de dispersão. Além disso, vinculou a noção FD aos domínios de memória e do acontecimento.

Ainda, para Courtine, Foucault contribuiu para o desenvolvimento dos estudos discursivos, aproximando-se de objetos como o discurso, o sujeito e a ideologia. Por outro lado, Pêcheux conseguiu articular elementos, como: a língua, a ideologia, o sujeito e a

¹³ Esse “todo complexo com dominante das Formações discursivas” é o que Pêcheux denomina de interdiscurso.

história. Ainda, trabalhou a noção de FD atrelada à luta de classes dando ênfase às relações de antagonismo, aliança, contradição e à transformação dos modos de produção.

Courtine (1981) considerou a obra do seu mestre (Pêcheux) intitulada “*Análise Automática do Discurso*” (1969)¹⁴, como uma obra essencial no que diz respeito à construção dos aspectos metodológicos da AD. Na visão do autor, a partir desta obra, foi possível reconfigurar as noções de diversos elementos constituintes da AD, dentre eles, a noção de FD. Por outro lado, Courtine refletiu em sua tese, intitulada *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (2009)¹⁵, sobre as lacunas deixadas pela teoria pecheutiana ao tratar da noção de FD.

O Prefácio da Tese de Courtine foi escrito por Pêcheux, no qual o próprio Pêcheux reconhece a fragilidade dos procedimentos adotados na AD até então, como os dispositivos artificiais de leitura, contagens lexicais e análises sintáticas. Esse prefácio foi intitulado como *O estranho espelho da análise do discurso*, escrito em um momento histórico delicado na França, período em que ocorria a desintegração da União de esquerdas do Partido Comunista Francês e também em que um governo de esquerda era eleito (François Mitterrand).

Desse modo, para o autor, esse prefácio se tratava de uma crítica aos analistas do discurso, alertando-os de que já estava na hora de “*quebrar os espelhos.*” Desse modo, Pêcheux buscava abandonar perspectivas de estudos lexicológicos e quantitativos sobre o funcionamento da linguagem.

Ainda nesse período, havia uma aparente homogeneidade do *corpus* discursivo, era preciso refletir sobre essa ilusória homogeneidade, pois ela tinha o propósito de disfarçar os discursos do Partido Comunista Francês, para tratar de um discurso de união das esquerdas fragmentados. Assim sendo, Courtine ¹⁶, na sua tese, buscou abordar um

¹⁴ “*Análise automática do discurso* (Michel Pêcheux), considerada uma obra fundadora é um livro estranho e desconcertante, que sem dúvida remete ao que há de mais pessoal e singular em Michel Pêcheux e que vai simultaneamente dar consistência ao novo campo que se busca contribuir historicamente de maneira decisiva para a constituição da Análise do discurso como disciplina científica.” (MALDIDIER, 2011, p. 42).

¹⁵ Traduzido de: *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens.* (COURTINE, Jean-Jacques, 1981).

¹⁶ Em *Análise do discurso político*, Jean-Jacques Courtine trabalha a articulação entre a língua e a história. Ainda, trabalha a noção de enunciado dividido e de memória discursiva, conceitos considerados fundamentais para a Análise do discurso.

dos aspectos muito importantes para a caracterização de uma FD, como o papel da contradição.

Desse modo, na visão do Courtine, era preciso estar atento aos aspectos da contradição levando em conta a primazia da contradição sobre os contrários e também o caráter desigual da contradição, uma vez que, a contradição interfere na representação do real histórico. Além disso, para o autor, a contradição se constitui em um princípio teórico e também um objeto de análise, trata-se de um elemento imprescindível para o funcionamento de uma FD, pois o caráter desigual da contradição remete à heteroginização no interior de uma FD.

Outro aspecto abordado por Courtine é referente à posição-sujeito. Para Pêcheux a tomada de posição pelo sujeito foi dividida nas modalidades *bom sujeito* e *mau sujeito*, já para Courtine no interior de uma FD podem existir várias posições-sujeito funcionando de forma concomitante. Essas posições distintas ocorrem quando há uma desidentificação do sujeito frente aos saberes contidos em uma determinada FD.

Deste modo, surgem novas posições-sujeito que podem ser de: contestação, dúvidas e questionamento. Diante disso, ocorrem as relações de tensão no interior de uma FD, que conseqüentemente conduzem à mobilização dos saberes permitindo a produção de novos sentidos.

Outro aspecto trabalhado por Courtine na reconfiguração da FD é a relação entre FD e interdiscurso. Para Pêcheux, os sentidos no interior de uma FD estão sob dependência do interdiscurso ou memória discursiva, que engloba todos os dizeres já-ditos e esquecidos que retornam ao fio do discurso. Por outro lado, na visão de Courtine, essa concepção de interdiscurso foi pouco explorada por Pêcheux, uma vez que ele abordou apenas o *já-dito*, tratando as condições de produções como homogêneas, ou seja, na visão de Courtine, Pêcheux deixou de tratar significativamente o papel da história.

Portanto, na visão de Courtine, a formulação de interdiscurso dada por Pêcheux conduzia à homogeneização dos discursos e também acarretava o fechamento das FDs. Desse modo, para o autor, Pêcheux deixou de tratar a exterioridade e os domínios do acontecimento.¹⁷ Para Zandwais (2012, p. 55), “todo enunciável precisa ser considerado

¹⁷ A noção de acontecimento em Pêcheux surge posteriormente em um dos seus últimos trabalhos em 1983, na obra “*O discurso: estrutura ou acontecimento*”.

a partir de sua exterioridade, pois é ela que afeta os sujeitos e as condições em que os sentidos são produzidos no interior das FDs”.

Dentre tantos apontamentos, para Courtine, a noção FD está atrelada a condições de produção de caráter heterogêneo e instável; isto quer dizer que não existem fronteiras definidas, dado que os saberes que não fazem parte de uma FD podem em uma determinada conjuntura ser incorporados a uma ou outra FD, instaurando-se assim a diferença, a heterogeneidade.

Assim, para o autor, toda FD apresenta-se “não como uma totalidade, e sim como uma repartição de lacunas, de vazios, de ausências, de limites e de recortes”. (COURTINE, 1981, p.49)

Considerações Finais

A AD teve origem na França no final década de 60 e, dentre os elementos que constituem a AD, está a noção de Formação Discursiva (FD), por este conceito estar diretamente relacionado à constituição do sujeito, aos aspectos linguísticos e sócio-históricos que constituem o processo discursivo.

A partir disso, o objetivo desse trabalho foi verificar os caminhos percorridos na construção da concepção de FD, com foco nas reflexões de três autores: Michel Foucault, Michel Pêcheux e Jean Jaques Courtine.

Começamos pelo filósofo Michel Foucault, considerado o precursor da noção de FD. Na obra *Arqueologia do Saber* (2008), o autor inscreve saberes dos campos epistemológicos da história e da linguística, refletindo sobre suas bases disciplinares, tratando a dispersão da história e questionando os estudos pautados apenas na base linguística.

Ainda, Foucault também buscava entender quais eram as regras de formação dos discursos, a que condições estavam submetidos os elementos de repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos e escolhas temáticas), examinando como se formavam as unidades discursivas (UDs). Considera-se que uma UD abrange (temas, objetos e saberes) e, no interior das UDs, podemos encontrar diferentes FDs.

Para o autor, os discursos são uma dispersão, isso quer dizer que os discursos são formados por elementos que não estão ligados a nenhum princípio de unidade *a priori*. Para ele, o discurso é, então, um jogo de remissões caracterizado pela heterogeneidade.

Desse modo, para o autor, toda FD é lacunar e heterogênea podendo somente ser compreendida e construída a partir de operações interpretativas. Ainda, para ele, são as regras de formação que regem a formação dos discursos, ou seja, são elas que determinam as condições de repetição, reformulação, transformação e até mesmo do desaparecimento de uma repartição discursiva.

Assim sendo, Foucault (2008) conseguiu estabelecer relações entre FD, condições históricas e discursivas que constituem os sistemas de saberes, tratando a FD como sistema de regularidades e de dispersão, vinculando a noção FD aos domínios de memória e do acontecimento.

Pêcheux, por sua vez, reformula a noção foucaultiana de FD e estabelece relações entre FIDs e FDs e condições de produção, evidenciando a natureza contraditória no interior de uma FID e de uma FD.

Desse modo, Pêcheux identifica uma FD como uma forma material de existência da ideologia, o autor desenvolve sua própria noção de FD pautada no materialismo dialético, pois segundo ele o discurso além de ser um aspecto material da ideologia é um componente das FIDs as quais podem comportar uma ou várias FDs.

Dessa forma, Pêcheux conseguiu mobilizar alguns aspectos que não teriam sido bem explorados na teoria althusseriana, como a interpelação do sujeito e também quanto ao funcionamento no interior dos Aparelhos Ideológicos de Estado, especialmente no que diz respeito às transformações das relações de produção.

Segundo Pêcheux, seria impossível que todos os Aparelhos Ideológicos numa conjuntura dada, trabalhassem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para sua transformação.

Além disso, Pêcheux estabeleceu relações entre FD, interdiscurso e intradiscurso. Para o autor, os sentidos formados em uma FD são provenientes do interdiscurso, já que é neste lugar que estão todos os dizeres já ditos e esquecidos, que retornam no fio do discurso, produzindo novos efeitos de sentido.

Nesse percurso de construção da noção de FD, Courtine teve um papel central, o autor faz uma interlocução entre as obras de Pêcheux e de Foucault apontando algumas lacunas deixadas pelo seu Mestre ao tratar da noção de FD.

Para Courtine, a contradição é um princípio essencial para funcionamento da FD, visto que no interior de uma FD existem várias posições-sujeito funcionando de forma simultânea, é isso que permite a heteroginização no interior de uma dada FD.

Outro aspecto trabalhado por Courtine na reconfiguração da FD é a relação entre FD e interdiscurso/intradiscurso. Na visão de Courtine, Pêcheux tratou do interdiscurso e condições de produção abordando apenas do já-dito. Segundo o autor, isso acarretava na homogeneização dos discursos e também no fechamento das FDs.

Dentre tantos apontamentos, a noção FD em Courtine está atrelada a condições de produção de caráter heterogêneo e instável, isto quer dizer que não existem fronteiras definidas, dado que os saberes que não fazem parte de uma FD podem em uma determinada conjuntura ser incorporados a uma ou outra FD, instaurando-se assim a diferença.

Desse modo, para Courtine, uma FD estará sempre aberta para novos saberes, compreendendo relações de antagonismo, aliança e contradição, pelas quais os sujeitos estabelecem vínculos com a ideologia e com a história, causando deslocamento das fronteiras das FDs, produzindo novos sentidos.

Assim, verificamos que Foucault, Pêcheux e Courtine contribuíram de forma profícua para processo de construção da noção de FD, apontando o papel fundamental da história e da subjetividade no âmbito da linguagem, rompendo com os pressupostos positivistas adotados até a década de 60 nas Ciências Humanas.

A partir dessas reflexões, podemos dizer que esses três autores forneceram as bases para o desenvolvimento dos aspectos metodológicos da Análise de Discurso, que passa a articular de modo simultâneo à linguística, à psicanálise e ao materialismo histórico, mobilizando conceitos, como a língua, discurso, sentido, sujeito, ideologia e história.

Portanto, por meio das reflexões desses três autores, a noção de FD passa a ser entendida como uma repartição de saberes de ordem heterogênea, ou seja, vista como uma unidade dividida. Desse modo, uma FD passa ser compreendida pela movimentação das relações de antagonismo, aliança e contradição que ocorrem em seu interior, onde os sujeitos estabelecem relações com a ideologia e a história, provocando retomadas, transformações e deslocamentos das fronteiras.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

COURTINE, Jean Jaques. *Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edfscar, 2009.

_____, Jean Jacques. *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*. Langages. 1981.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GADET, Françoise e HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Bethania Mariani *et al.* 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993.

GREGOLIN, Maria. R. V. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais do sentido: mídia e produção de identidades*. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes. 2003.

_____, Denise. *A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: O trabalho de Michel Pêcheux*. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. In: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: um introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania Mariani *et al.* Campinas, 1993.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____, *O Estranho Espelho da Análise do Discurso*. Prefácio. In: COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político*. Tradução Cristina de Campos Velho Birk *ET al.* O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos:

Edufscar, 2009.

ZANDWAIS, Ana. *Reconfigurando a noção de formação discursiva: deslocamentos produzidos a partir de um contraponto*. *Revista UFAL*, Maceió, n. 50, p. 41-59, jul./dez. 2012 Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/viewFile/1148/783>. Acessado em: 16 fev. 2017.

_____. *A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas*. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Paulo: Claraluz, 2005.

A BRIEF HOUTE ON THE NOTION OF DISCURSIVE FORMATION (FD) IN FOUCAULT, PÊCHEUX AND COURTINE

ABSTRACT

This study aims to investigate the changes of the Discursive Formation (DF) notion because it is a fundamental concept for the development of studies in Discourse Analysis (AD). In this way, we seek to verify how it was built the concept (Fd), by reflections from: Michel Foucault, Michel Pêcheux and Jean Jacques Courtine, as these authors contributed to the construction of this concept, pointing out the role of history and subjectivity in the context of the language. They broke with the formalistic and positivist assumptions adopted by the end of the 60 in the humanities. Thereby, from these studies occurred transformations in the discursive studies that started to work simultaneously the language, the ideology, the subject and the history, having the speech as a place of this relationship observation.

Keywords: discourse analysis, discursive formation, ideological formation.

Recebido em 24/10/2018

Aprovado em 26/11/2018